

CONFERÊNCIA DE
POTSDAM

GUIA ANEXO

4 A 8 DE OUTUBRO



WWW.SOI.ORG.BR

ÍNDICE DE ABREVIACÕES

- África KORPS – Força Expedicionária Alemã na África
- D.C. - *District of Columbia*
- DIP - Direito Internacional Público
- EUA - Estados Unidos da América
- GESTAPO - *Geheime Staatspolizei* (polícia secreta do Estado alemão)
- KMT – Partido Nacionalista Chinês
- NAZI - Nazista
- NEP - Nova Economia Política
- NSDAP - Partido Nacional-Socialista Alemão dos Trabalhadores
- ONU - Organização das Nações Unidas
- PCC – Partido Comunista Chinês
- SOI - Simulação de Organizações Internacionais
- SS - *Schutzstaffel* (polícia do Estado alemão)
- URSS - União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

SUMÁRIO

1. SAUDAÇÕES INICIAIS	5
2. BLOCO AMERICANO	5
2.1. Harry S. Truman	7
2.2. William D. Leahy	8
2.3. James F. Byrnes	9
2.4. Joseph E. Davies	11
2.5. Harry H. Vaughan	12
3. BLOCO SOVIÉTICO	13
3.1. Joseph Stalin	14
3.2. Viatcheslav Molotov	16
3.3. Andrei Gromyko	18
3.4. Georgy Aleksandrov	19
3.5. Geórgiy Malenkov	19
4. BLOCO BRITÂNICO	21
4.1. Winston Churchill	22
4.2. Ernest Bevin	23
4.3. Frederick Marquis	24
4.4. Anthony Eden	25
4.5. Clement Attlee	25
5. BLOCO FRANCÊS	26
5.1. Charlie de Gaulle	27
5.2. Marie-Pierre Koenig	28
5.3. Georges Catroux	29
5.4. Charles Tillon	30
5.4. Philippe Leclerc de Hauteclocque	31
6. BLOCO ITALIANO	32
6.1. Ferruccio Parri	33

6.2. Alcedi de Gasperi.....	33
6.3. Ugo La Malfa.....	34
7. BLOCO JAPONÊS	35
7.1. Michinomiya Hirohito	36
7.2. Danshaku Suzuki Kantarō.....	37
7.3. Korechika Anami.....	38
8. BLOCO CHINÊS	39
8.1. Chiang Kai-shek	39
8.2. Joseph Warren Stilwell	40
8.3. Chen Cheng.....	41
9. BLOCO ALEMÃO	42
9.1. Karl Dönitz	42
9.2. Lutz Graf Schwerin Von Krosigk.....	44
9.3. Wilhelm Keitel.....	45
10. REFERÊNCIAS	46

1. SAUDAÇÕES INICIAIS

Senhores(as) delegados(as), o presente Guia Anexo tem como propósito trazer uma orientação mais direcionada e detalhada sobre cada membro da Conferência de Potsdam, destacando pontos de relevância para a simulação, como as divergências internas de cada bloco e a inclinação ideológica de cada um dos representantes políticos e militares das nações.

Importa ressaltar o caráter complementar deste documento, sendo a leitura integral do Guia de Estudos, também disponibilizado, fundamental e totalmente indispensável. Ademais, pesquisas externas aos materiais fornecidos pelo comitê são essenciais para ofertar maior diversidade ao debate, bem como aprofundamento acerca da sua delegação.

Um estudo de qualidade e completo é ferramenta indispensável para uma melhor desenvoltura durante os dias de simulação, gerando uma experiência única. Por isso, usem esse guia anexo como um primeiro pontapé. É o início de uma pesquisa mais densa sobre sua delegação e seus posicionamentos diante da Segunda Guerra Mundial.

Sendo assim, uma ótima leitura e bons estudos!



2. BLOCO AMERICANO

Antes de adentrar a exposição acerca das figuras políticas relevantes que participarão da simulação compondo o bloco norte-americano na Conferência de Potsdam, impende relembrar, sinteticamente, a situação política dos Estados Unidos durante a guerra.

Como apontado no Guia de Estudos, cuja leitura é imprescindível, os Estados Unidos, ainda em 1939 – isto é, antes de sua entrada oficial na guerra, a qual se deu em 1941 –, já se preparavam para uma eventual participação no conflito. A repaginação do *New Deal* por John Keynes durante o governo do presidente Franklin Delano Roosevelt (a qual envolveu o fornecimento de insumos à Grã-Bretanha para a manutenção do *front*

de guerra no território europeu), bem como a própria disputa dos Estados Unidos pela dominação do Pacífico já mostravam alinhamento com os ideais que o país viria a defender durante a Segunda Guerra Mundial.

Para melhor compreender o funcionamento político-representativo americano, faz-se necessário destacar, em apertada síntese, o que são o Partido Republicano (GOP¹) e o Partido Democrata. Muito embora existam diversos outros partidos políticos nos Estados Unidos, estes dois são os maiores, dominando o cenário político norte-americano.

O primeiro, cuja base fundamental é o conservadorismo – definido, pelo Partido, como “respeito às tradições americanas²”. O último, por sua vez, encontra suas origens no Partido Democrata-Republicano, fundado por Thomas Jefferson em 1791. Adota uma plataforma de centro-esquerda desde a década de 1930, voltada para o liberalismo social e políticas de economia mista, bem como maior participação do governo em questões econômicas e na regulamentação do mercado, o que justifica sua adesão aos planos políticos do *New Deal*.

Franklin Roosevelt, presidente dos Estados Unidos à época da deflagração da Segunda Grande Guerra, foi eleito pelo Partido Democrata. Esteve à frente da política norte-americana por quase 30 anos, tendo sido eleito para quatro mandatos à Presidência. O *New Deal*, resposta de Roosevelt à Grande Depressão na década de 1930, causou uma cisão no Partido Republicano, entre conservadores que se opuseram ao projeto, entendendo-o como prejudicial ao crescimento econômico, e “republicanos liberais”, os quais aceitavam o projeto sob a promessa de torná-lo mais eficiente. A bem da verdade, o *New Deal* foi apoiado, em maioria, pelos Democratas, que historicamente estiveram na posição de adversários políticos dos republicanos.

Como é de conhecimento notório, Franklin Roosevelt, muito embora tenha sido o responsável pela entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial,

¹ Acrônimo para *Grand Old Party*.

² As “tradições americanas” incluem valores judaico-cristãos, liberalismo econômico e combate ao comunismo. O liberalismo é o âmago do Partido Republicano, especialmente no que diz respeito ao ideal de livre mercado.

encontrava-se acometido pela poliomielite, vindo a falecer em abril de 1945 (antes, portanto, da Conferência de Potsdam). Foi, então, substituído nesta última por Harry S. Truman, seu vice-presidente.

2.1. Harry S. Truman

Harry S. Truman foi 33º Presidente dos Estados Unidos, tendo chegado à Presidência após a morte de Roosevelt, em abril de 1945. Foi o responsável por uma virada nas relações exteriores dos Estados Unidos, apoiando a política internacionalista junto aos governos europeus para reconstrução e reestabilização da Europa no período do fim da guerra.

No contexto da Conferência de Potsdam, importa relatar, em primeiro lugar, um dos principais envoltimentos políticos de Truman no cargo de presidente: o sucesso obtido no teste da primeira bomba nuclear, ora lançada no deserto do Alamogordo. Tal instrumento apresentava-se como principal arma para acelerar o fim do conflito, especialmente no Pacífico, com a possível rendição do Japão, dado que a Alemanha já havia assinado a sua desde maio de 1945.

Os Estados Unidos, desde então, vinham impondo que a rendição do Japão fosse incondicional, inclusive com a retirada do imperador Hirohito do poder. A recusa do império nipônico em acatar tais termos fez emergir, nos círculos políticos dos Aliados, a sugestão de que Truman emitisse declaração oficial permitindo a manutenção do regime monárquico. Entretanto, o Presidente manteve-se firmemente comprometido com a ideia de rendição incondicional, dado o bombardeio de Pearl Harbor, o qual incendiara a opinião pública americana pela rendição total³.

No mais, como é sabido, a questão principal a ser resolvida em Potsdam dizia respeito ao manejo da Alemanha durante o fim da guerra⁴. Havia pressão, por parte de algumas delegações, para exigir reparações por parte da Alemanha às nações aliadas,

³ HASEGAWA, Tsuyoshi. **The End of the Pacific War**: Reappraisals. P. 202.

⁴ Office of the Historian. **The Potsdam Conference, 1945**. Disponível em: <<https://history.state.gov/milestones/1937-1945/potsdam-conf>>. Acesso em: 10 jul 2017.

bem como demandas por uma divisão do território alemão entre elas. Roosevelt, então representante americano, havia se mostrado complacente com a demanda, mas Truman e seu Secretário de Estado, James Byrnes, entraram na disputa determinados a mitigar o tratamento da Alemanha, buscando que as nações ocupadas tivessem reparações relativas tão somente à sua própria zona de ocupação, buscando evitar uma repetição da situação criada pelo Tratado de Versalhes, o qual impôs à Alemanha custos altíssimos que prejudicaram a economia alemã e alimentado o surgimento do Nazismo.

Ao contrário de Roosevelt, o qual travara uma relação amistosa com o então governante soviético, Stalin, Truman acreditava que os soviéticos encontravam-se em agressiva expansão no Leste Europeu, e enxergava potenciais complicações para os Estados Unidos nesse contexto. Durante a guerra, Roosevelt havia minimizado as advertências de que Stalin estaria construindo um império na Europa, erro o qual Truman não estava disposto a repetir.

2.2. William D. Leahy

O almirante William Daniel Leahy foi o “chefe do gabinete do Comandante-em-chefe”⁵ durante a Segunda Guerra Mundial e esteve envolvido em várias das principais decisões militares dos Estados Unidos durante o conflito. Foi o chefe principal oficial da Marinha durante 1937 a 1939, e após a aposentadoria, foi indicado por Roosevelt, com quem mantinha amizade próxima, para servir como Embaixador dos Estados Unidos na França entre 1940 e 1942, tendo retornado, ao fim desse período, ao seu país para servir como Chefe de Gabinete de Roosevelt – posição que conservou quando Truman assumiu a presidência.

Como chefe de gabinete de Roosevelt, Leahy foi o principal conselheiro pessoal e político do Presidente, isto é, desempenhando posição de confiança no governo norte-americano. A posição mais memorável do almirante no contexto da guerra, entretanto, diz respeito à forte oposição do Comandante ao uso de armamento nuclear durante o

⁵ Tradução literal para o cargo de “Chief of Staff to the Commander in Chief”, cargo político-militar criado durante a Segunda Grande Guerra.

governo de Truman. Escreveu em suas memórias que “[Truman] estava persuadido [pela ideia de que] encurtaria a guerra contra o Japão e salvaria vidas americanas”.

Muito embora tivesse pensamento oposto quanto ao possível uso das bombas, Leahy alinhava-se ao posicionamento de Truman em outros aspectos, tais como o firme posicionamento anticomunista e a oposição à aliança com a União Soviética, especialmente no que dizia respeito ao envolvimento soviético na guerra travada no Pacífico ao lado dos Estados Unidos, por temer que isso desencadeasse influência soviética no território do Pacífico após a guerra.⁶

Segundo Hasegawa⁷, a ambivalência dos Estados Unidos sobre qual deveria ser o papel da URSS não apenas no conflito na Europa, mas especialmente na Ásia era patente. Por um lado, se a União Soviética entrasse no conflito no Pacífico contra o Japão, acelerar-se-ia o fim da guerra. Apesar da "virada" do conflito após a entrada dos Estados Unidos, tendo os Aliados avançado em direção à vitória, os estrategistas militares americanos, em sua maioria, apoiavam a entrada da URSS no conflito na Ásia.

Por outro lado, outros militares, tais como Leahy, temiam as consequências do envolvimento soviético na Ásia, tomando por base o ocorrido na Polônia. Por esta razão, Leahy encontrava-se no impasse entre evitar a expansão soviética e a perda de mais soldados americanos.

2.3. James F. Byrnes

James Francis Byrnes foi o 49º Secretário de Estado dos Estados Unidos da América no período final da guerra. Sua carreira envolveu atuações em todos os três poderes norte-americanos (Legislativo, Executivo e Judiciário), o que lhe rendeu vasta experiência política e habilidades de negociação tidas como extraordinárias⁸.

⁶ **Admiral William D. Leahy**. Disponível em: <<http://www.doug-long.com/leahy.htm>>. Acesso em: 2 jul 2017.

⁷ HASEGAWA, Tsuyoshi. **The End of the Pacific War: Reappraisals**. P. 201.

⁸ **Biographies of the Secretaries of State: James Francis Byrnes (1879-1972)**. Disponível em: <<https://history.state.gov/departmenthistory/people/byrnes-james-francis>>. Acesso em: 10 jul 2017.

Na década de 1940, sua relação próxima com Franklin Roosevelt, então presidente, o tornou um dos nomes mais poderosos dos Estados Unidos, tanto no contexto doméstico quanto externo. Byrnes deixou a Suprema Corte Americana para chefiar o “*Office of Economic Stabilization*”⁹ criado por Roosevelt, e posteriormente, em 1943, tornou-se o chefe do “*Office of War Mobilization*”, responsável por realizar o programa de implantação de fábricas de insumos bélicos que viriam a ser utilizados pelos Estados Unidos durante a guerra.

Impende mencionar, ainda, que a imprensa e até mesmo parte do Congresso americano referiam-se a Byrnes como “Presidente assistente”, dada sua imensa influência durante o período da guerra, tendo inclusive apostado na sua pessoa para ser o candidato Democrata à vice-presidência de Roosevelt em 1944.

Presidente Truman nomeou Byrnes como Secretário de Estado em julho de 1945, posição na qual se tornava o primeiro na linha sucessória da Presidência, dada a ausência de vice-presidente (tendo Truman assumido após a morte de Roosevelt). Teve papel relevante na Conferência de Potsdam, especialmente porque, aponta o historiador Robert Ferrell na obra *Harry S. Truman: a life* (1995), Byrnes transparecia ser deveras mais familiarizado com relações internacionais do que o então Presidente, tendo participado, inclusive, da delegação que esteve na Conferência de Yalta.

A história aponta, entretanto, que a experiência de Byrnes com relações internacionais era praticamente nula antes da Conferência de Yalta; sua reputação na seara internacional devia-se tão somente à sua participação nesta.

Ressalte-se, ainda, que embora Byrnes compartilhasse do sentimento de intransigência em relação aos soviéticos de Truman, suas relações pessoais com o presidente não eram tão amistosas. O presidente acreditava que Byrnes era ressentido por não ter sido escolhido como sucessor de Roosevelt pelo Partido Democrata, e por isso estava tentando estabelecer a política externa americana sozinho.

No mais, Byrnes mostrava-se favorável ao uso de armamento nuclear, por razões bem específicas: o Secretário acreditava que as tropas soviéticas que adentravam os

⁹ Em tradução livre, “Escritório para estabilização econômica”.

territórios da Hungria e da Romênia dificilmente largariam a expansão, e que a demonstração de poderio dos Estados Unidos com o lançamento da bomba poderia pressionar a União Soviética a desistir da dominação no território europeu bem como impedir seu ganho de controle na Ásia¹⁰.

Diante da sua reconhecida habilidade em negociação internacional, Byrnes atuou no gabinete do Presidente Truman predominantemente como intermediador com as demais nações de destaque no conflito, buscando atingir os objetivos dos Estados Unidos.

2.4. Joseph E. Davies

Joseph Edward Davies foi o 2º Embaixador dos Estados Unidos na União Soviética, entre 1936 e 1938, e atuou como Presidente do Conselho de Guerra do Presidente Roosevelt. Durante o governo de Truman, manteve o posto de conselheiro, e atuou na delegação americana para a Conferência de Potsdam na qualidade de diplomata e, portanto, especialista em relações internacionais, especialmente no que diz respeito à União Soviética, atuando como intermediário entre os dois países.

Durante seu período como embaixador no território soviético, sua principal missão, dada por Roosevelt, foi a de avaliar a força do Exército soviético, o governo de Stalin e sua evolução industrial, a fim de estar preparados com antecedência no sentido de saber em que lado a União Soviética iria lutar na hipótese bastante provável de uma iminente guerra (que viria a ser a Segunda Guerra Mundial).

Um de seus últimos memorandos de Moscou para Washington, em abril de 1938, Davies afirmou que o comunismo não era uma “ameaça séria para os Estados Unidos. Um relacionamento amigável (entre as duas nações) seria de grande valia no futuro”. Em 1941, Davies chegou a lançar um livro, *Mission to Moscow*¹¹, tido por muitos como controverso, pois demonstrava uma imagem extremamente favorável do governo ditatorial de Stálin.

¹⁰ **James F. Byrnes.** Disponível em: <<http://www.doug-long.com/byrnes.htm>>. Acesso em: 2 jun 2017.

¹¹ O filme de mesmo nome produzido pela Warner é baseado na obra de Davies.

De toda sorte, o papel de Joseph Davies enquanto Presidente do Conselho de Guerra de Truman foi o de conciliar os ânimos, especialmente após a mudança de política externa de Truman quanto ao que vinha sendo desenvolvido por Roosevelt, com quem o governante soviético mantinha relacionamento mais amistoso.

2.5. Harry H. Vaughan

Harry Hawkins Vaughan foi Conselheiro Militar durante o governo de Truman, de 1945 a 1943. Além disso, mantinha com o presidente amizade para além do âmbito de trabalho, sendo apontado por historiadores, inclusive, como seu parceiro de pôquer¹², tendo os dois se aproximado durante o treinamento militar no 129º Regimento de Artilharia dos Estados Unidos, bem como durante a Primeira Guerra Mundial, na qual serviram juntos. Vaughan serviu, ainda, como militar durante a Segunda Grande Guerra até 1943, quando foi ferido em combate e, retornando aos Estados Unidos, continuou a atuar no conflito por meio de sua participação no Comitê Truman¹³.

Sendo o confidente do Presidente, Vaughan acreditava que Truman “não estava preparado – ele não sabia nada acerca das negociações entre os Estados Unidos e a União Soviética, ou mesmo com a França e a Inglaterra”. Por essa razão, Vaughan acompanhou o Presidente buscando informações com todos aqueles que fizeram parte das delegações americanas em Yalta, Teerã e Casablanca, e sendo pressionado pelas afirmações de Churchill e Stalin de que Roosevelt teria feito promessas, o que dificultou sua atuação na Conferência¹⁴.

A participação de Vaughan na delegação enviada para a Conferência de Potsdam mostra-se muito relacionada à sua íntima ligação com o Presidente, muito mais do que

¹² McCullough, David. *Truman* (1992).

¹³ O Comitê Truman, formalmente conhecido como *Senate Special Committee to Investigate the National Defense Program* (em tradução livre, Comitê Especial do Senado para Averiguar o Programa de Defesa Nacional), fundado em 1941 para fiscalizar a atuação dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial, ainda quando Truman era Senador.

¹⁴ MORRISSEY, Charles T. **Oral interview with General Harry H. Vaughan**. Disponível em: <<https://www.trumanlibrary.org/oralhist/vaughan2.htm#83>>. Acesso em: 3 jul 2017.

por razões relevantes de política externa. Em entrevista na qual foi questionado acerca de sua influência em relação ao Presidente, Vaughan afirmou:

“O presidente e eu discutimos vários assuntos, mas minha influência sobre suas decisões é duvidosa. Imagino que ninguém lhe dê mais conselhos do que eu, e que ninguém os usou tão pouco.”¹⁵

3. BLOCO SOVIÉTICO

Após a rendição alemã, a URSS passou a ter como principal objetivo garantir que a Alemanha jamais pudesse arcar com os custos de uma nova guerra ou voltar a ameaçar a expansão comunista pela Europa. À época, Stalin contava com a maioria dos países da Europa Oriental, pois detinha metade dos territórios europeus sob sua esfera de influência, de modo que passou a ter enorme confiança em suas negociações diplomáticas.

Contudo, como já mencionado no Guia de Estudos, o bloco soviético previa uma mudança a nível global. Com a Grande Guerra Patriótica se iniciou uma batalha silenciosa em busca de uma melhor reputação para cada país. Tratava-se de uma disputa diferenciada, não mais decidida pela força e pelas armas, mas por um projeto político-ideológico. Era essa a principal linha de tensão que se formava entre os Estados Unidos e URSS.

Nesse contexto, um dos principais objetivos de Stalin não foi o de pôr fim à guerra, mas sim promover o máximo de apoio financeiro que pudesse obter em caráter de urgência pelas reparações, pois, apesar de o Exército Vermelho controlar uma região considerável de terra, que incluía a Polônia, os Estados bálticos, o norte do Irã, a Noruega do Norte, a Alemanha Oriental, a Áustria, a Manchúria, a Coreia e as Ilhas

¹⁵ Trecho de entrevista dada por Vaughan publicada em seu obituário no New York Times (1981). Tradução livre de: "The President and I discuss numerous things, but my influence over him is doubtful. I don't suppose anyone gives him more advice than I do, or has less of it used.". Disponível em: <<http://www.nytimes.com/1981/05/22/obituaries/harry-h-vaughan-major-general-who-was-an-aide-to-trumandies.html>>. Acesso em: 2 jul 2017.

Kuril, partes importantes do país estavam em ruínas e foram prejudicadas economicamente por diversos ataques. Era forte o pensamento de que nenhum interesse soviético seria apagado em favorecimento das forças do Eixo.

Pelo menos 25 milhões de mortos soviéticos foram registrados e muitos que sobreviveram foram traumatizados pelos horrores da guerra. Vários episódios da Grande Guerra Patriótica foram travados na URSS, o que resultou na morte de cerca de 13% da população civil. Um terço da riqueza nacional foi destruída, mas ter ganho a guerra foi um grande impulso para a moral soviética, e o país se tornou mais do que nunca um grande poder.

3.1. Joseph Stalin¹⁶

Joseph Stalin foi Secretário-Geral do Partido Comunista e, portanto, líder da União Soviética. Seu papel na Segunda Guerra Mundial fez dele umas das figuras mais simbólicas e influentes do Século XX.

Eis que, após a morte de Lenin – líder da revolução socialista –, a União Soviética viu uma disputa acirrada pelo seu comando. De um lado, via-se o impávido Stalin, de outro, o idealista Trotsky. Enquanto o primeiro defendia um socialismo concentrado, voltado para a própria União Soviética, Trotsky preferia acreditar que a revolução socialista seria um movimento irrefreável e que, tão logo, partiria para outros países da Europa. Esse conflito ideológico rompeu com o partido comunista e inflamou a oposição entre os dois pretendidos líderes da URSS.

Mais tarde, a vitória seria dada a Stalin, que iniciou uma forte perseguição aos seus inimigos políticos – incluindo Trotsky, que foi exilado para o México. Essa intolerância com a oposição foi uma verdadeira marca do stalinismo, sendo lembrada como uma das principais manifestações do ego e do poder de Stalin.

¹⁶ The Potsdam Conference (Study Guide) do Villa Caritas & San Pedro Model United Nations (2016). Disponível em: <<http://vcspmun.org/wp-content/uploads/2016/08/VCSPMUN-SG-Potsdam.pdf>>. Acesso em: 3 jul. 2017.

Os desdobramentos internos e a ascensão ao poder do líder soviético foram determinantes para a definição da política externa da URSS, bem como de sua posição na Segunda Guerra Mundial. Stalin foi o primeiro a enxergar os riscos de uma Alemanha nazista em expansão. Sabia que a ideologia pregada por Hitler seria um estorvo para unidade dos países socialistas e, por isso, buscou um aliado para detê-la: a Inglaterra. Os britânicos, contudo, preferiram não se comprometer com uma nova guerra – especialmente porque não estavam dispostos a fazer aliança com os bolcheviques. Isso forçou Stalin a buscar alternativas para barrar os avanços nazistas. A solução, como já mencionado no Guia de Estudos, foi o Pacto Molotov-Ribbentrop – conhecido como um Tratado de não agressão entre os nazistas e soviéticos.

O acordo, contudo, não foi respeitado. Em 22 de junho, Hitler decidiu, sem prévio aviso, invadir o território soviético – fato decisivo para a entrada da URSS na Segunda Guerra Mundial. Tornou-se inevitável o combate com a Alemanha, fazendo com que Stalin se unisse aos Aliados.

Com o a rendição da Alemanha, Stalin sabia da importância de se controlar o território alemão, especialmente para deter uma nova disseminação de ideais nazistas. Por isso, figurou como uma das principais figuras da Conferência de Potsdam. Sabia que detinha influência sobre a maior parte da Europa Oriental, e, por isso, tinha alto poder de barganha nas negociações diplomáticas. O líder soviético viu ali uma oportunidade. Sabia que seu país tinha ganhado um status diferenciado na geopolítica mundial e que, a partir dali, uma nova disputa se iniciaria na hegemonia do globo.

Essa ordem mundial seria determinada já durante a Conferência de Potsdam, onde as grandes potências vencedoras definiriam o futuro do mundo. Não bastava se decidir as imposições a uma Alemanha rendida, mas era necessário também dar fim a guerra no Pacífico. A influência da URSS na China começava a aflorar, sendo necessário colocar limites aos anseios imperialistas do Japão.

3.2. Viatcheslav Molotov¹⁷

Viatcheslav Mikhaïlovitch Molotov foi um político e diplomata soviético, bolchevique, que subiu rapidamente em sua carreira política dado a sua proximidade com Stalin. Molotov serviu como Presidente do Conselho de Comissários do Povo, de 1930 a 1941, e como Ministro das Relações Exteriores, desde 1939. Ele foi o principal signatário soviético do pacto de não agressão entre a Alemanha Nazista e a União Soviética de 1939, conhecido como o Pacto Molotov-Ribbentrop.

As disposições mais importantes do citado acordo foram adicionadas sob a forma de um protocolo secreto que estipulava uma invasão da Polônia e repartição de seu território entre as duas nações. Molotov foi um dos poucos que tomariam conhecimento da ordem de execução de 25.700 poloneses nacionalistas e contra-revolucionários mantidos em campos ocupados na Ucrânia e na Bielorrússia em 1940.

Ele se juntou ao Partido Trabalhista Social Democrata da Rússia (RSDLP) em 1906, participando da facção radical bolchevique da organização, liderada por Lenin. Skryabin, seu nome de batismo, tomou o pseudônimo "Molotov", que significa martelo na língua russa, a fim de associar-se à industrialização representada pelo objeto.

Preso em 1909, passou dois anos no exílio em Vologda. Em 1911, ele se matriculou na Politécnica de São Petersburgo e juntou-se à equipe editorial de um jornal bolchevique subterrâneo chamado Pravda – onde se reuniu com Joseph Stalin pela primeira vez. Molotov trabalhou como um profissional revolucionário, escrevendo para a imprensa do partido e tentando organizar melhor a associação subterrânea.

No início da Segunda Guerra, em 1941, ele se mudou de São Petersburgo para Moscou, sendo, no ano seguinte, preso por suas atividades no partido e deportado para Irkutsk, no leste da Sibéria, escapando do exílio e voltando para a capital em 1916.

Em 1922, Stalin tornou-se secretário geral do Partido Bolchevique e nomeou Molotov como o segundo secretário e apenas quatro anos depois torna-se membro do

¹⁷ Molotov, Vyacheslav Mikhaylovich, and Feliz Chuev. *Molotov Remembers: Inside Kremlin Politics* (Ivan R. Dee, 2007), his memoirs

Politburo: a mais alta instância do Partido Comunista, tornando-se uma figura líder no centro stalinista do partido. Em 1928, assume como Primeiro Secretário do Partido Comunista de Moscou em substituição a Nikolai Uglanov.

Sob as ordens de Molotov e Stalin, em 1938, dos 28 Comissários do Povo no governo de Molotov, 20 foram executados. Apesar dessas purgas terem sido realizadas pelos sucessivos chefes policiais do governo, Molotov esteve intimamente envolvido no processo, pois, Stalin exigia frequentemente que membros do Politburo assinassem os mandatos de morte das vítimas de purga.

Sem questionar, aprovou incontáveis listas documentadas de execução, mais do que qualquer outro funcionário soviético, por isso tornou-se um dos poucos com quem Stalin pôde discutir abertamente sobre a Grande Purga – embora tenham assinado um decreto público, em 1938, que os desvinculava da purga em andamento.

Hitler autorizou em agosto de 1939 o ministro das Relações Exteriores, Joachim von Ribbentrop, a iniciar negociações sérias com a União Soviética por um acordo comercial cuja parte mais importante foi o protocolo secreto, que previa a partição da Polônia, da Finlândia e dos Estados Bálticos entre a Alemanha Nazista e a União Soviética e para a anexação soviética da Bessarabia (então parte da Romênia). Esse protocolo deu a Hitler a luz verde para sua invasão da Polônia, que começou em 1 de setembro.

O Pacto Molotov-Ribbentrop governou as relações soviético-alemãs até junho de 1941, quando Hitler, ocupando a França e neutralizado a Grã-Bretanha, virou ao leste e atacou a União Soviética. Molotov foi responsável por contar ao povo soviético do ataque, quando ele, em vez de Stalin, anunciou a guerra. O Comitê de Defesa do Estado foi estabelecido logo após o seu discurso que anunciava a guerra, ao qual Stalin foi eleito presidente e Molotov o vice.

3.3. Andrei Gromyko¹⁸

Andrei Andreevich Gromyko cresceu em uma família trabalhadora e aos treze já era membro do Komsomol, tendo sido eleito Primeiro-Secretário do capítulo local da organização. Em 1931, entra para a escola técnica agrícola em sua província e filia-se ao Partido Comunista.

Cinco anos depois, já formado, muda-se a trabalho para o Instituto de Economia da Academia Soviética de Ciências, em Moscou, onde se aproximou da agenda partidária comunista e completa sua tese de doutorado sobre a mecanização de Agricultura nos Estados Unidos, contudo permanece no instituto enquanto pesquisador sênior e posteriormente se especializa em economia americana.

Muitos diplomatas mais antigos haviam sido afastados de seus cargos por traição, então, em 1939, Gromyko é convidado a ingressar na carreira diplomática através do Serviço Diplomático Soviético. Diante da Grande Purga, ele tinha as qualificações necessárias para o avanço político, pois, era filho de camponeses trabalhistas, bem educado – através de incentivos governamentais – e membro do partido desde a ascensão de Stalin.

Assim, pertencente à nova geração de estalinistas, sem ter experiência ou treinamento prévio em relações internacionais, aprendeu suas habilidades de liderança no trabalho, guiado pela fidelidade ao Partido Comunista. Iniciando seu trabalho na embaixada soviética em Washington DC, uma das posições diplomáticas mais importantes da União Soviética, participou das grandes conferências, ajudando Stalin em suas negociações com líderes das demais nações.

Em Potsdam, o embaixador sabia da grande influência exercida pela União Soviética devido às posições do Exército Vermelho na Europa e estava disposto a usá-la em sua vantagem. Sua principal justificativa para manter uma forte presença militar

¹⁸ Gromyko, Andrei (1989). *Memoirs*. Doubleday. ISBN 0-385-41288-6. Disponível em: <<http://www.encyclopedia.com/people/history/russian-soviet-and-cis-history-biographies/andrei-andreyevich-gromyko>>. Acesso em 14 jul 2017.

nesses países era manter a ordem e ajudar a reconstruir nações que conservassem uma atitude de colaboração com a ideologia comunista soviética.

3.4. Georgy Aleksandrov¹⁹

Georgy Aleksandrov estudou Filosofia Comunista em Borisoglebsk e Tambov até se transferir para o Instituto de História e Filosofia de Moscou. Somente em 1928 entra para o Partido Comunista.

Após se formar ele permanece no instituto para pós-graduação, chegando a tornar-se professor, vice-diretor e Secretário Científico da instituição. Sua carreira política ganha destaque em 1938, no auge do Grande Expurgo, quando é nomeado chefe adjunto do Departamento de Publicação do Comitê Executivo do Comintern – o que lhe deu grande credibilidade dentro do partido.

No ano seguinte se torna chefe adjunto do Departamento de Propaganda e Agitação do Comitê Central do Partido Comunista Soviético, ao mesmo tempo que conduz a Escola Superior do Partido do Comitê Central, com sede em Moscou, ganhando espaço dentro da política nacional não só como intelectual, mas enquanto figura política pela chefia do departamento de propaganda.

3.5. Geórgiy Malenkov²⁰

Geórgiy Maksimiliánovich Malenkov foi membro do Comitê de Defesa do Estado durante a Grande Guerra Patriótica e Comissário de Produção de Aeronaves, chegando a ser consagrado como tenente-general pela função. Em seu encargo militar

¹⁹ "The Party under Stress: The Experience of World War II" in Soviet Society and the Communist Party, ed. Karl W. Ryavec, University of Massachusetts Press, 1978, ISBN 0-87023-258-4, p. 196

²⁰ Johanna, Granville, The First Domino: International Decision Making During the Hungarian Crisis of 1956, Texas A & M University Press, 2004. ISBN 1-58544-298-4. Sebag Montefiore, Simon, Stalin: The Court of the Red Tsar (2003) <<http://russiapedia.rt.com/prominent-russians/politics-and-society/georgy-malenkov>> e <www.coldwar.org/articles/50s/georgy_malenkov.asp>.

ficaria conhecido pela aversão às armas nucleares, temendo que uma possível catástrofe dizimasse as nações, mas não só de questões de Guerra envolvia-se o Ministro Malenkov.

Ele também liderou o comitê para restauração da economia nacional nas regiões que foram liberadas da ocupação alemã e defendia que a União Soviética reordenasse sua economia em torno da produção de bens de consumo, ao contrário da indústria pesada que prevalecia na época. A partir de 1944, ele também assume o cargo de Vice-Presidente do Conselho dos Comissários do Povo (Sovnarkom), uma das mais altas patentes governamentais da URSS.

Sua carreira política começou em 1919 quando entrou voluntariamente para o Exército Vermelho, atuando como comissário político até 1921. No mesmo ano, ele ingressou na Universidade Técnica Estatal Bauman de Moscou e liderou a comissão responsável por expor os estudantes apoiadores de Trotsky – principal oposição soviética à Stalin.

Quatro anos depois Malenkov abandonou os estudos em Eletrotécnica para se tornar, oficialmente, funcionário do Partido Comunista, ao qual era filiado desde 1920. Seu trabalho diligente ganha notoriedade pelas autoridades e, em 1930, é nomeado chefe do departamento organizacional do Comitê de Moscou do Partido Comunista, se tornando responsável pelos expurgos realizados dentro do partido.

Sua fidelidade levaria Stalin a promovê-lo, se tornando responsável pela campanha de inspeção e repressão em massa de vários oficiais comunistas. Junto ao chefe da polícia secreta soviética (NKVD), Nikolay Ezhov, que o recomendou para o cargo de deputado, Malenkov percorre diversas regiões da União (Armênia, Bielorrússia, Geórgia, Tajiquistão e outros) a fim de propagar os ideais stalinistas pela apreensão e julgamento dos inimigos do povo até assumir seu posto de guerra como ministro no Comitê de Defesa do Estado.

4. BLOCO BRITÂNICO

Antes de adentrarmos na apresentação das principais figuras políticas britânicas durante o fim da Segunda Guerra, há de se recordar alguns dados já trazidos no Guia de Estudos.

Primeiramente, o Reino Unido (composto pela Grã-Bretanha mais a Irlanda do Norte) se encontrava enfraquecido economicamente durante o período entreguerras, causando na população a vontade de se abster de novos combates. Todavia, em 1939, tornou-se insustentável a não-participação no conflito, e vendo que não conseguiria arcar com um embate bilateral. Logo, a solução encontrada foi firmar uma aliança com a França e a União Soviética.

Somente após dois anos de ofensivas nazistas sobre a ilha e o território francês, sobre forte resistência britânica, os alemães mudaram o seu foco para o Leste Europeu. Vista tamanha perda de civis e investimento de capital, Churchill, como líder consolidado e maior mediador dos conflitos, tomou a iniciativa de convocar os Estados Unidos para se juntar aos Aliados.

Essa nova formação se consolidou na Conferência de Teerã²¹ (1943), sob a coalizão entre Reino Unido, Estados Unidos e URSS, e imperou até o fim da guerra, tendo como marco a Conferência de Potsdam que começou dia 17 de julho de 1945.

Durante a Guerra, o primeiro-ministro britânico, Winston Churchill, formou um governo de coalizão entre os três maiores partidos ingleses: Conservadores (do qual fazia parte), Trabalhistas e Liberais. Na primeira fase de seu governo, dedicou-se mais à política externa, com uma feição mais bélica. Entretanto, com a relocação das tropas nazistas, bem como a necessidade de se dar mais atenção à administração interna, seu mandato tornou-se mais voltado à reestruturação econômica doméstica, com políticas de industrialização e trabalhistas.

Com o passar dos anos, tal acordo enfraqueceu-se e em maio de 1945 as lideranças dos demais partidos viriam a declarar seu rompimento, com a chamada de

²¹ ALMEIDA, Leandro Antonio de. **Churchill, o militar e o mito**. 2010. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/educacao/churchill-o-militar-e-o-mito>>. Acesso em: 14 jul. 2017.

novas eleições gerais, e a dissolução do Parlamento em 15 de junho daquele mesmo ano.

4.1. Winston Churchill

Churchill foi uma figura emblemática da política britânica desde o início do séc. XX, iniciando como parlamentar no ano de 1900. Alguns dos cargos que ocupou antes, durante e logo após o fim da Primeira Guerra Mundial, foram de Ministro do Comércio, do Material Bélico e das Finanças. Já no entreguerras, seu posicionamento na Câmara dos Comuns era veemente contra o nazismo, defendendo políticas para uma maior militarização do Reino Unido, prevendo um ataque num futuro próximo.

Não obstante, em 10 de maio de 1940 viria a se tornar o primeiro-ministro britânico, em sucessão à Neville Chamberlain, pois sua inteligência e sagacidade diplomática não abririam espaço para que outro ocupasse a cadeira. Em seu governo de coalizão, pode-se observar uma cooperação entre os partidos Conservador (direita), do qual era líder, e trabalhista (centro-esquerda), representado pelo seu vice primeiro-ministro, Clement Attlee, e Ernest Bevin, Ministro do Trabalho e Serviço Nacional, com quem tinha proximidade, apesar das diferenças partidárias.

Ademais, sua equipe era, de certo modo, mais concentrada, como se observa por ele mesmo ocupar, concomitantemente, o cargo de Ministro da Defesa, visto a sua experiência com na marinha desde a Primeira Guerra.

Sua participação também foi de grande importância durante a Guerra do Pacífico, que ocorreu concomitante aos ataques nazistas na Europa. Nesse conflito, o Reino Unido tomou o lado da República da China²², junto com os Aliados, enquanto o Japão contou com apoio do Eixo. Juntos, impuseram um massivo embargo comercial aos japoneses, cessando-lhes o fornecimento de petróleo, ferro e aço, o que causou uma

22

FGV. Conferências

Aliadas. Disponível

em:

<<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/OBrasilNaGuerra/ConferenciasAliadas>>.

Acesso em: 14 jul. 2017.

crise de desabastecimento, porém não obtiveram a sua desistência de prosseguir com os ataques.

A presença do Reino Unido e da União Soviética na Segunda Guerra Sino-Japonesa era tida pelos japoneses e nazistas como não ameaçadora, pois considerava que eles não iriam dar a devida atenção ao conflito, visto que o momento era crítico na Europa. Todavia, sob o apoio dos Estados Unidos, os Aliados conseguiram manter as duas frentes de ataque.

Por fim, a respeito de seus Aliados, durante os encontros que teve com Roosevelt e Stálin (quando juntos eram chamados de “Três Grandes”), posicionou-se de maneira diplomática, conciliando seus interesses com os de seus aliados. Churchill “manteve uma excelente e sólida relação com o presidente dos Estados Unidos, Franklin D. Roosevelt, tendo sido de suma importância na decisão americana de ajudar a Inglaterra no conflito, inicialmente, apenas como fornecedores de armas, e, em seguida, como força aliada”²³. Em contrapartida, com Stálin enfrentou mais divergências, o que requereu mais esforço do primeiro-ministro para trazer seus ideais e objetivos à mesa de negociação.

4.2. Ernest Bevin

Mesmo sendo membro do Partido Trabalhista, Ernest Bevin mantinha boas relações com os Conservadores, desde a década de 1930, o que culminaria na sua escolha para compor o corpo ministerial de Churchill, uma década depois, permanecendo à frente do Ministério do Trabalho e Serviço Nacional durante todo o seu mandato²⁴.

Líder sindical, Bevin era próximo de Clement Attlee – tanto que formou a sua base de apoio nas eleições que viriam a torná-lo o líder de seu partido, em 1935 –, bem

²³ HISTORY. WINSTON CHURCHILL. Disponível em: <<https://seuhistory.com/biografias/winston-churchill>>. Acesso em: 14 jul. 2017.

²⁴ BBC. Ernest Bevin (1881 - 1951). Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/history/historic_figures/bevin_ernest.shtml>. Acesso em: 14 jul. 2017.

como de Churchill, que o considerava um político firme e exemplar. Sua proximidade com o primeiro-ministro era tão grande que, ao assumir a pasta do trabalho, o governo apoiou-o numa eleição para o Parlamento, na qual foi eleito para a Câmara dos Comuns. Há de se mencionar ainda que, no dia da capitulação alemã (também chamado de “dia da vitória na Europa”), Bevin acompanhou as notícias ao lado de Churchill, como seu braço direito.

Como ministro, foi responsável por fomentar políticas internas fortes, como o emprego de cerca de 48 mil militares reformados na indústria do carvão, sem deixar de pensar na qualidade de vida destes, pois como possuía grande afinidade com os movimentos sindicais, implementou aumentos salariais e melhorias nas condições de trabalho. Portanto, suas ações foram de grande valia para a manutenção da economia britânica durante a Guerra.

Todavia, em maio de 1945 o governo de coalização de Churchill, do qual fez parte desde o início, viria a se esfacelar, e Bevin viria a apoiar Attlee nas eleições gerais, seu colega na liderança do Partido Trabalhista.

4.3. Frederick Marquis

Marquis foi um dos aliados de mais atuantes durante o governo de Churchill, chegando a alçar três cargos de grande visibilidade, sendo dois ministérios (entre eles o Ministério da Reconstrução) e a presidência do Conselho.

Ainda durante o governo de Chamberlain, o empresário foi eleito Ministro da Alimentação, onde permaneceu até 1943; à frente dessa pasta, implementou um sistema eficaz de racionamento de comida, bem como de postos de distribuição de mantimentos, visto que a produção e importação de suprimentos durante a Guerra foi drasticamente afetada, todavia, obteve êxito em garantir a nutrição da população.

Já como Ministro da Reconstrução, teve a tarefa de planejar como seria o Reino Unido após a Guerra, mas a pasta encerrou-se com a rendição nazista, e Marquis passou a ocupar o cargo de Lorde Presidente do Conselho (que pertencia a Clement Attlee) –

cargo ocupado por ele durante a Conferência de Potsdam –, onde passou a acompanhar os trabalhos dos ministérios da Agricultura e Alimentação, até a data da Conferência de Potsdam. Lord Woolton, como também era conhecido, não se manteve filiado a nenhum partido até então, mesmo que alinhado com a política de Churchill.

4.4. Anthony Eden

Eleito parlamentar ao auge de seus 30 anos, Anthony Eden foi mais um dos principais aliados do primeiro-ministro Churchill. Conservador, já havia sido Secretário de Estado para Relações Exteriores e do Commonwealth (um dos quatro cargos de maior confiança do chefe de governo britânico) durante o mandato de Chamberlain, mas em 1940 viria a se tornar o primeiro Secretário de Estado para Guerra do novo governo.

Vale salientar que Eden foi a única pessoa a ocupar essa cadeira além de Churchill, que a assumiu de volta no final daquele mesmo ano, e Eden retornou para as relações exteriores, onde permaneceu até a Conferência de Potsdam. Mesmo com o relacionamento próximo entre os dois, Churchill viria a monopolizar as negociações diplomáticas britânicas, especialmente entre Franklin D. Roosevelt e Joseph Stalin, mas Eden estava sempre ao seu lado.

Em 1942, viria a ocupar também o cargo de Líder da Câmara dos Comuns, representando o Partido Conservador, ganhando maior visibilidade como seu representante dentro da legenda. Conhecido por sua postura pacífica e diplomática cautelosa, além de estrela ascendente do Partido, Eden viria a ser especialmente “moldado” por Churchill como herdeiro de seus ideais e políticas interna e externa.

4.5. Clement Attlee

Líder do Partido Trabalhista desde 1935, Clement Attlee teve um grande papel no governo de coalizão de Churchill – em 1940, Chamberlain se viu num impasse sem o

apoio dos trabalhistas, o que o forçou a sair do poder²⁵ –, onde foi eleito vice-primeiro-ministro em 1942, e foi encarregado de lidar mais com a política doméstica, em especial o Parlamento, enquanto Churchill tomava conta da diplomacia, exército e relações exteriores.

Em suma, havia três principais gabinetes: o de guerra, o comitê de defesa (os dois primeiros ficaram a cargo de Churchill) e o comitê de presidência dos lordes (gerido por Attlee). Juntos, foram os únicos membros do gabinete de guerra da formação original que atuaram até próximo da Conferência de Potsdam.

A priori, como era líder da Câmara dos Comuns, assumiu de 1940 a 1942 o título de Lorde do Selo Real (cargo geralmente ocupado pelo presidente da Câmara dos Comuns ou dos Lordes, mas que não possui muito valor na prática). Neste mesmo ano, largou o título para se tornar o primeiro vice-primeiro-ministro da história, assim como Secretário para Assuntos dos Domínios e Lorde Presidente do Conselho (1943).

Attlee sempre se portou como um aliado leal a Churchill, ajudando-o a aprovar as medidas necessárias para que tomasse as decisões que considerava cruciais. Ele colocava os interesses de seu país na frente dos interesses partidários, não deixando que disputas internas da política britânica interferissem nas negociações para o fim da Segunda Guerra Mundial. Essa lealdade, contudo, sofreu um duro golpe em maio de 1945, quando Attlee se desvincilhou do governo de coalizão de Churchill e candidatou-se para as eleições gerais, com o apoio do também veterano de partido, Bevin.

5. BLOCO FRANCÊS

Como já mencionado no Guia de Estudos, a França foi palco das maiores batalhas ocorridas durante a Segunda Guerra Mundial. Isso ocorreu principalmente porque Hitler tinha como uma de suas prioridades militares a ocupação do território

²⁵ THE EDITORS OF ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA. **Clement Attlee**: The Primer Minister Of United Kingdom. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Clement-Attlee#toc214934>>. Acesso em 01/07/17.

francês, fruto de um sentimento de revanche existente desde o fim da Primeira Guerra Mundial, quando foi assinado o Tratado de Versalhes²⁶.

Com a derrota da França em 1940, o armistício de Compiègne²⁷ dividiu a França entre a zona ocupada, de controle nazista, e a zona livre, sob a autoridade da França de Vichy (1940-1944). Este último foi marcado como um governo francês de aparência, visto que a Alemanha controlava internamente suas decisões – daí o porquê de o Chefe de Estado, Philippe Pétain, ter jurado lealdade a Hitler²⁸.

Nesse contexto, surge em Londres aquele que seria a força mais significativa contra a ocupação nazista: o movimento França Livre. Liderado por Charlie de Gaulle, esse grupo foi a principal base de apoio, no exterior, para as forças de resistência francesa, dando fôlego àqueles que ainda resistiam e lutavam contra a ocupação nazista no território da França.

Esse panorama mudou após o famoso “Dia D”, quando os aliados conseguiram desembarcar na Normandia e retomar o território francês das forças nazistas, dando início à libertação de Paris e fim do Regime de Vichy.

Em razão do momento histórico vivido pelo país, foi necessária a criação de um governo interino com o propósito de reorganização do Estado Francês – função que naturalmente foi atribuída a um dos expoentes da resistência francesa, Charlie de Gaulle.

5.1. Charlie de Gaulle

Charlie de Gaulle assumiu a liderança do Governo Provisório Francês a partir de agosto de 1944. Sua história foi marcada por sempre ter defendido os interesses

²⁶ **Pacto da Sociedade das Nações.** Disponível em: <http://pfdc.pgr.mpf.mp.br/atuacao-e-conteudos-de-apoio/legislacao/segurancapublica/PACTO_DA_SOCIEDADE_DAS_NACOES.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2017.

²⁷ **ALTMAN, Max. Hoje na História: 1940 – França assina armistício com Alemanha na floresta de Compiègne.** Disponível em: <<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/historia/29572/hoje+na+historia+1940+%96+franca+assina+armisticio+com+alemanha+na+floresta+de+compiegne.shtml>>. Acesso em: 02 jul. 2017.

²⁸ **RARE HISTORICAL PHOTOS. Pétain meeting Hitler, 1940.** 2017. Disponível em: <<http://rarehistoricalphotos.com/petain-meeting-hitler-1940/>>. Acesso em: 02 jul. 2017.

franceses, inclusive no campo de batalha, uma vez que foi reconhecido como um herói nacional durante a Primeira Guerra Mundial.

Mesmo quando exilado em Londres, após a ocupação alemã, tentou defender a liberdade de seu povo, se destacando como um dos líderes da França Livre, ao lado de Henri Giraud. Juntos, os dois líderes rivalizavam uma posição de destaque dentro da resistência francesa – enquanto Giraud tinha o apoio de Roosevelt e dos Estados Unidos, de Gaulle era preferido pelos setores de esquerda da resistência, pois defendia uma filosofia antiamericana.

Enquanto era líder do movimento França Livre, de Gaulle sempre fez questão de reforçar a imagem de uma França autônoma e independente para os Aliados – querendo que sua soberania fosse preservada, seja em face dos Estados Unidos ou de quem quer que a coloque em prova²⁹. Isso leva a crer, portanto, que o General de Gaulle demonstrava bastante resistência às imposições dos Aliados, preferindo crer que os interesses franceses não deveriam curvar aos interesses estrangeiros.

Sua vivência como militar também fez de Gaulle ser reconhecido por sua personalidade mais beligerante, demonstrando, assim, pulso firme e menor benevolência com seus inimigos de guerra. Daí o porquê de sempre ter manifestado uma posição de maior hostilidade em relação à Alemanha e aos demais membros do Eixo.

5.2. Marie-Pierre Koenig

Marie-Pierre Koenig serviu como Conselheiro Militar de Charlie de Gaulle a partir de 1944. Sua carreira nas forças armadas se iniciou na Primeira Guerra Mundial, quando lutou no exército francês e foi condecorado com medalha militar, sendo promovido a Tenente.

Durante a Segunda Guerra Mundial, foi designado como Capitão para as tropas francesas na Noruega, onde resistiu à invasão nazista até a queda da França, em 1940.

²⁹ VIDAL, Dominique. **OTAN - ALIANÇA ATLÂNTICA PROCURA NOVAS MISSÕES**: o que De Gaulle queria em 1966. 2008. Disponível em: <<http://pt.mondediplo.com/spip.php?article176>>. Acesso em: 02 jul. 2017.

Em seguida, escapou para a Inglaterra, onde se juntou com Charles de Gaulle e passou a defender o movimento França Livre.

Em 1944, participou da retomada do território francês pelos Aliados e, posteriormente, recebeu o comando para unificar as diversas forças de resistência francesa sob o controle do General de Gaulle.

Também foi reconhecido por sua personalidade mais beligerante, possuindo pulso firme e menor benevolência com seus inimigos de guerra. Seu papel de comandante do exército francês na zona de ocupação francesa na Alemanha, a partir de 1945, pode indicar sua inclinação em defender o máximo controle do território alemão.

5.3. Georges Catroux

Georges Albert Julien Catroux foi um general e diplomata do exército francês que serviu nas duas grandes guerras do século XX, atingindo seu ápice como General das Forças Armadas Francesas durante o período compreendido entre 1941 a 1943.

Catroux foi educado no *Prytanée National Militaire* e entrou na *École Spéciale Militaire de Saint-Cyr* (academia militar francesa) em 1896. Nota-se que toda sua formação acadêmica foi militar, fator este que incidiu na sua personalidade.

Nos primeiros anos de sua carreira militar, Catroux passou pela Argélia até a Indochina. Em 1915, ao comandar um batalhão, foi feito de prisioneiro pelos alemães. Durante seu tempo em cativeiro conheceu Charles de Gaulle, que à época era capitão do exército francês.

Após a Primeira Guerra Mundial, tornou-se membro da missão militar francesa na Arábia, servindo também no Marrocos, na Argélia e no Levante³⁰. Em agosto de 1939, um mês antes da declaração da Segunda Guerra Mundial, assumiu o cargo de Governador Geral da Indochina Francesa. No entanto, não passou muito tempo no

³⁰ O Levante é um termo impreciso que se refere, historicamente, a uma grande área do Oriente Médio ao sul dos Montes Tauro, limitada a oeste pelo Mediterrâneo e a leste pelo Deserto da Arábia e pela Mesopotâmia. De uma forma geral, a região engloba a Síria, a Jordânia, Israel/Palestina, o Líbano e Chipre.

cargo, pois após desentendimentos com o governo de Vichy, em junho de 1940, recebeu a ordem de entregar seu cargo ao almirante Jean Decoux.

Inicialmente ignorou a ordem e só renunciou em 20 de julho, quando então escolheu se juntar a de Gaulle no movimento França Livre, a fim de recuperar a França que havia sido ocupada pelos alemães.

De 1941 a 1943, atuou como o comandante-chefe das forças da França Livre. Posteriormente, De Gaulle o nomeou Alto Comissário para a região do Levante. Após a derrota de Vichy, tomou o controle da Síria de volta para os franceses.

Entre os anos de 1943 e 1944 foi nomeado Governador Geral da Argélia. Em seguida, no dia 9 de setembro de 1944, Catroux foi nomeado Ministro do Norte da África por Charles de Gaulle.

Observa-se sua proximidade com o líder francês à época da Conferência de Potsdam, tendo em vista que ambos estiveram juntos desde a Primeira Guerra Mundial.

5.4. Charles Tillon

Charles Tillon foi um metalúrgico francês, líder sindical, filiado ao Partido Comunista Francês e líder da Resistência Francesa³¹ durante a Segunda Guerra Mundial. Além disso, no ano de 1944 passou a atuar como Ministro da Aviação.

Tillon nasceu e foi criado em uma família da classe trabalhadora, sendo educado desde a infância para ser um trabalhador da indústria metalúrgica. Todavia, durante a Primeira Guerra Mundial foi recrutado para a marinha e em 1919 liderou um motim naval, tendo sido, em represália, condenado a cinco anos de trabalho duro.

Liberado depois de dois anos, ele voltou ao trabalho de fabricação, época em que também se tornou ativo no Partido Comunista Francês e no movimento sindical, subindo para posições de destaque em ambos. Em 1936 foi eleito deputado na

³¹ *La Résistance*, designa um movimento formado por franceses que não aceitavam a submissão do Estado Francês ao poder nazista, e que se encontravam desiludidos com a política colaboracionista.

Legislatura Nacional, entretanto, no início de 1940 perdeu essa posição, momento em que o Partido Comunista Francês foi colocado na ilegalidade.

Após a ocupação alemã da França em junho de 1940, Tillon tornou-se um dos três líderes do Partido Comunista e chefe das forças de resistência armada. Na sequência da guerra, ele foi novamente eleito deputado e em 1944 assumiu o Ministério da Aviação Francesa.

Importante ressaltar, sobre seu posicionamento político, que Tillon, após a libertação da França, permaneceu sendo um dos principais líderes comunistas. Charles de Gaulle queria manter um representante da Resistência Comunista em seu gabinete, desse modo o nomeou como seu Ministro da Aviação no dia 10 de setembro de 1944

5.4. Philippe Leclerc de Hauteclocque

Philippe François Marie Leclerc de Hauteclocque, conhecido na França simplesmente como Leclerc, foi um grande general francês que atuou durante a Segunda Guerra Mundial. De origem aristocrática, Leclerc se formou na *École Spéciale Militaire de Saint-Cyr* (academia militar francesa) em 1924.

No início da Segunda Guerra Mundial foi vítima de um dos maiores ataques alemães, o ataque de “Panzer”, conseguindo fugir apenas no ano de 1940, quando se dirigiu para a Grã-Bretanha, sendo um dos primeiros integrantes do movimento França Livre, sob o comando do general Charles de Gaulle.

Posteriormente, tornou-se o comandante das tropas francesas na África Equatorial e uniu suas tropas aos aliados na Líbia, na Campanha da África do Norte. Comandou as forças francesas no desembarque em Dunquerque e foi responsável pela libertação das cidades de Paris, em 25 de Agosto de 1944, e de Estrasburgo, em 23 de Novembro do mesmo ano.

Em maio de 1945 recebeu o comando do Corpo Expedicionário do Extremo Oriente Francês (Corps expéditionnaire français en Extrême-Orient, CEFEO).

6. BLOCO ITALIANO

Como já dito no Guia de Estudos, após a queda de Mussolini, o povo italiano se viu diante de uma crise política: inexistia um líder para assumir o comando do país. Essa crise decorreu da instabilidade econômica vivida pela Itália, somada com as suas várias derrotas militares durante a II Guerra Mundial, o que levou a nação a um *status* de incerteza. Ninguém poderia prever o destino do país, bem como os desdobramentos causados pelo fim do conflito armado.

Nesse contexto, assume como líder de transição o General Pietro Badoglio, que apesar ter feito parte do exército de Mussolini, foi o responsável pela assinatura do armistício com os Aliados em 08 de setembro de 1943³². Esse governo interino não foi de longa duração, e logo deu lugar à governança de Ivanoe Bonomi, que posteriormente foi sucedido por Ferruccio Parri – militante antifascista.

Na política externa, ainda era fértil o pensamento de que a Itália seria a verdadeira culpada para o início da guerra, visto que foi a responsável por lançar a ideologia fascista e a inspirar o governo nazista de Hitler. Essa foi, inclusive, a principal motivação para que Churchill tivesse negado a participação dos italianos na Conferência de Potsdam³³. É bem sabido, porém, que a simulação contará com a participação do bloco italiano. Isso porque o presente comitê tem como proposta um novo desfecho para o conflito – baseado na diplomacia, e não apenas no poder.

Nesse panorama, caberá à Itália alinhar seus interesses com as propostas dadas pelas grandes potências aliadas – seja para firmar a importância de seu país na nova ordem mundial, seja para solucionar suas crises territoriais, a exemplo da questão de Trieste³⁴.

³² AGAROSSO, Elena. **A Nation Collapses: The Italian Surrender of September 1943**. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2000. p. 50.

³³ CARLSON, Cody K.. **This week in history**: Truman, Churchill and Stalin meet at Potsdam. 2014. Disponível em: <<http://www.deseretnews.com/article/865607073/This-week-in-history-Truman-Churchill-and-Stalin-meet-at-Potsdam.html>>. Acesso em: 01 jul. 2017.

³⁴ Território historicamente disputado entre a Itália e a antiga Iugoslávia – alvo de grandes conflitos após o fim da Segunda Guerra Mundial.

6.1. Ferruccio Parri

Ferruccio Parri ocupou o cargo de Primeiro-Ministro italiano a partir de 21 de junho, após a saída de Ivanoe Bonomi. O período de seu mandato é coincidente com a época em que ocorreu a Conferência de Potsdam, razão pela qual não poderia deixar de ser um dos personagens para a simulação.

Quando era mais jovem, Parri lutou pela Itália na Primeira Guerra Mundial e recebeu três medalhas de prata pela bravura em campo de batalha. Foi contrário à ascensão da ideologia fascista e se juntou ao grupo *Giustizia e Libertà*.

Durante a Segunda Guerra Mundial, Parri fez parte da Resistência Italiana, movendo forças contra os nazistas e a República Social da Itália, criada por Mussolini. Sua postura contrária ao fascismo foi vista com bons olhos pelos Aliados, que apoiaram sua posição de Primeiro-Ministro, alcançada em 21 de junho de 1945. Esse apoio se deu, sobretudo, porque Parri foi reconhecido como um homem de bom diálogo e razoável, estando mais próximo a um espectro político de centro-esquerda – e, por isso, distante de qualquer extremismo.

Nesse sentido, Parri defendia uma Itália mais unida e democrática – um verdadeiro desafio para um país recém-saído de um regime autoritário. Sua aproximação com os Aliados demonstrava seu pleno interesse em rerepresentar a Itália para o mundo: uma Nação rompida com os ideais fascistas; e, por isso, novamente digna de confiança. Esse contexto fez de Parri mais apto a aceitar as imposições apresentadas pelos Aliados, inclinando-se a propor um apoio da Itália na guerra contra o Japão.

6.2. Alcide de Gasperi

Alcide de Gasperi ocupava o cargo de Ministro das Relações Exteriores enquanto ocorreu a Conferência de Potsdam, sendo, portanto, um dos principais assessores de Ferruccio Parri.

Seu histórico na política italiana se iniciou em 1919, quando se filiou ao Partido Popular e foi eleito deputado em Roma³⁵. Apoiou a primeira parte do governo de Mussolini, mas depois se tornou um grande crítico do regime fascista. Em razão dessa oposição, foi condenado a quatro anos de prisão e ao pagamento de multa, mas se viu livre apenas após um ano de cumprimento de pena, quando o Papa intercedeu por sua liberdade³⁶.

Durante a Segunda Guerra Mundial, foi membro da Resistência Italiana e fez oposição às influências do nazismo no território italiano. Após a queda de Mussolini, passou a fazer parte do governo de Ivanoe Bonomi como um Ministro sem pasta, até que foi nomeado como Ministro das Relações Exteriores por Ferruccio Parri.

Uma das importantes contribuições de Gasperi para a história está relacionada à sua profunda convicção sobre a necessidade de uma maior integração continental, de modo que lançou os primeiros passos para a formação do que hoje conhecemos como União Europeia³⁷.

Em razão de seu cargo, Gasperi adotava uma postura mais diplomática, e, por isso, preferia os meios pacíficos de solução de conflitos. Essa postura fez com que ele tentasse evitar que a Itália se envolvesse ainda mais na guerra, inclusive, na região do pacífico, embora soubesse que a Itália precisava se aproximar das potências ocidentais e planejar sua reconstrução econômica.

6.3. Ugo La Malfa

Ugo La Malfa foi responsável por assumir o Ministério dos Transportes durante o governo de Ferruccio Parri. Sua proximidade com o Primeiro-Ministro o colocou em

³⁵ THE EDITORS OF ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA. **Alcide De Gasperi**: The Primer Minister. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Alcide-de-Gasperi>>. Acesso em: 02 jul. 2017.

³⁶ Alcide de Gasperi foi o cofundador do Partido Democrático Cristão e sempre demonstrou bastante apelo religioso durante sua vida política, inclusive estando em processo de beatificação pela Igreja Católica.

³⁷ THE EDITORS OF ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA. **Alcide De Gasperi**: The Primer Minister. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Alcide-de-Gasperi>>. Acesso em: 02 jul. 2017.

um patamar diferenciado, fazendo dele um dos principais assessores do governo em atuação.

Sua vida política teve início no Banco Comercial da Itália, onde teve contato e influência com vários grupos antifascistas. Tais conexões levaram La Malfa a fundar uma rede de oposição ao governo de Mussolini, chamada de Partido de Ação³⁸.

Após figurar como crítico atuante do governo, La Malfa foi perseguido pela polícia fascista e teve de deixar a Itália para evitar sua prisão. Somente mais tarde teria retornado a Roma para participar do movimento de Resistência Italiana, quando lutou contra a ocupação alemã e fascista na Itália.

Participou da Concentração Democrática Republicana – embrião do que mais tarde seria o Partido Republicano da Itália –, e teve ampla participação na fundação da República Italiana³⁹. Logo, foi um dos pioneiros em pensar na reestruturação do Estado Italiano, tema que possivelmente poderá ser discutido durante a simulação.

Na política externa, esteve disposto a evidenciar que seu país rompeu com os ideais fascistas, bem como em demonstrar uma Itália unida e democrática. Para isso, se esforçou em demonstrar razoabilidade e bom diálogo, tentando alinhar os interesses dos Aliados com os interesses de seu país.



7. BLOCO JAPONÊS

Em face do expansionismo japonês no território chinês durante o Armistício Sino-Nipônico iniciado em 1937, e prolongado durante a Segunda Guerra Mundial, a Nação americana, receosa em perder seu espaço e mercado oriental, realiza diversos embargos econômicos à “terra do sol nascente” – fato já mencionado no Guia de Estudos.

³⁸ **Ugo La Malfa Fondatore del Partito d'Azione.** Vídeo Publicado pela Página Raistoria. 1'18". Disponível em: <<http://www.raistoria.rai.it/articoli/ugo-la-malfa-fondatore-del-partito-dazione/12530/default.aspx>>. Acesso em: 02 jul. 2017.

³⁹ THE EDITORS OF ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA. **Italian Republican Party: POLITICAL PARTY, ITALY.** Disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/Italian-Republican-Party>>. Acesso em: 02 jul. 2017.

Assim, encurralado, o Japão vê-se obrigado a ingressar oficialmente no conflito bélico travado entre as nações orientais, consolidando em 1939 o apoio já manifesto ao Eixo. Tal feito teve como principal marco sua ostensiva realizada na base norte-americana de Pearl Harbor em 1941, colocando os Estados Unidos efetivamente na guerra.

Tal ataque não se revelou como uma ação isolada, mas a primeira de uma série manobras militares simultâneas com o fim de conquista das colônias inglesas, holandesas e americanas. Logo, em janeiro de 1942 foram lançadas as operações para a dominação das Filipinas e das Índias Holandesas – sendo a Indonésia controlada em março do mesmo ano –, bem como as forças tarefas que ocuparam Singapura em fevereiro, Hong-Kong em dezembro e a Birmânia em abril.

Tais manobras fornecerem ao Império Nipônico grande poderio econômico que sustentou a nação em face dos diversos ataques impetrados pelos americanos, gerando uma forte confiança militar ao Japão.

Em contrapartida, as demais nações do Eixo encontravam-se cada vez mais enfraquecidas, culminando no suicídio do líder nazista Adolf Hitler em abril de 1945 e a rendição Alemã em maio do mesmo ano⁴⁰.

7.1. Michinomiya Hirohito

Com sua ascensão ao cargo máximo do Império do “Sol Nascente” em dezembro de 1926⁴¹, Michinomiya Hirohito teve um governo marcado pela presença do poderio militar na política, um dos fatores determinantes que levaram o Japão a ingressar na Segunda Guerra Mundial, uma vez que ele estava certo da política de segregação implantada pelos países ocidentais e perpetuada pela China.

⁴⁰ UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. **Segunda Guerra Mundial: Cronologia**. Disponível em: <<https://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10007306>>. Acesso em 30. jun. 2017.

⁴¹ BIOGRAPHY. **Hirohito: Emperor (1901–1989)**. Disponível em: <<https://www.biography.com/people/hirohito-37173>>. Acesso em 30. Jun. 2017.

Assim, em 1941, indo de encontro com as recomendações do então Primeiro-Ministro Hideki Tojo⁴², durante a Conferência Imperial de Tóquio, o Imperador Hirohito declarou guerra a todos os países aliados, consolidando seu pronunciamento com a realização do ataque a Pearl Harbor ao sudoeste asiático.

Posteriormente, nos primórdios de 1945, receoso com os caminhos tomados pela Segunda Guerra Mundial, culminada com o Conflito Sino-Japonês, foram iniciadas diversas reuniões do Imperador com os principais oficiais do seu governo, a fim de realizar um levantamento da guerra, buscando através desse uma grande vitória, fator que poderia ensejar no fim do confronto pela derrota das demais nações, ou na negociação para a sua rendição.

O Imperador Hirohito estará acompanhado na Conferência de Potsdam pelo Primeiro-Ministro Danshaku Suzuki Kantarō e pelo Ministro de Guerra Korechika Anami. Dessa forma, no decorrer dos debates, apesar da sua forte inclinação beligerante, o líder do bloco japonês deverá utilizar de sabedoria para ponderar os posicionamentos diversos que serão apresentados por seus conselheiros, para que possa emitir o seu voto, uma vez que tal prerrogativa na simulação será oferecida apenas aos chefes de Estado.

7.2. Danshaku Suzuki Kantarō

Danshaku Suzuki Kantarō iniciou sua carreira nas Forças Navais Japonesas, participando ativamente nas guerras Sino-Japonesa (1894) e Russo-Japonesa (1904), alcançando em 1925 o cargo de chefia⁴³. Diante do seu desempenho em serviço, de todos os grandes nomes japoneses de destaque na época, o dele era o mais qualificado para lidar com o fim da Segunda Guerra Mundial.

⁴² HYSTORY. **Biografias: Hideki Tojo**. Disponível em: <<https://seuhistory.com/biografias/hideki-tojo>>. Acesso em 30. Jun. 2017.

⁴³ THE EDITORS OF ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA. **Danshaku Suzuki Kantarō: Prime Minister of Japan**. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Danshaku-Suzuki-Kantaro>>. Acesso em 30. Jun. 2017.

Assim, após a renúncia de Kuniaki Koiso em abril de 1945, Danshaku Suzuki Kantarō, no auge dos seus 77 anos, assumiu o cargo de Primeiro Ministro do Japão, bem como, em decorrência da sua vasta experiência, exerceu simultaneamente o posto de Ministro das Relações Exteriores e da Grande Ásia Oriental. O conhecimento militar e de negociação de Suzuki reflete como uma forte qualidade para auxiliar o Imperador Hirohito nos debates travados durante a Conferência de Potsdam.

Não obstante sua experiência bélica, o Primeiro Ministro Japonês possui grande inclinação pacifista, devendo buscar os meios mais adequados na simulação para alcançar o cessar fogo, sem frustrar os interesses da sua nação.

7.3. Korechika Anami

Korechika Anami foi um grande expoente das Forças Armadas Japonesas, atuando em diversos cargos de comando durante toda sua trajetória militar. Tendo forte atuação durante a Segunda Guerra Sino-Japonesa, comandando em novembro de 1938 uma frente armada de ostensiva à China. Já em outubro de 1937, o mesmo foi convidado para compor o gabinete do Primeiro Ministro Fumimaro Konoe, assumindo o cargo de Vice-Ministro de Guerra.

Já em dezembro de 1944, Anami assumiu uma das cadeiras do Conselho Superior de Guerra. Sendo em abril do ano seguinte convidado pessoalmente por Suzuki para assumir o posto de Ministro de Guerra em seu gabinete, uma vez que o então Primeiro Ministro Japonês depositava grande confiança nele, bem como acreditava que ele teria plena capacidade de coordenar e controlar o exército nipônico.

Todavia, apesar da suposta posição de subordinação ao Primeiro-Ministro, Anami não podia ser controlado. Defendia fortemente a capacidade japonesa em vencer a guerra através de um ataque em grande escala, enxergando qualquer caminho diverso desse como desonroso.



8. BLOCO CHINÊS

Marcado pela instabilidade interna, representada pela guerra civil, e externa, Segunda Guerra Mundial e Confronto Sino-Japonês, a antiga China capitalista encontrava-se incluída em um ambiente hostil para o seu crescimento e sua governabilidade. Não suficiente, os olhos dos Estados Unidos e do Japão estavam voltados para a Nação chinesa, vez que a mesma possuía vasto território e um mercado promissor.

Como já mencionado no Guia de Estudos, Tal perspectiva foi ofertada como oportunidade ao líder chinês Jiang Jieshi em tomar proveito dos interesses americanos para impulsionar e munir o seu exército no combate aos seus grandes rivais: os japoneses e os comunistas.

8.1. Chiang Kai-shek

Jiang Jieshi, também apresentado com a grafia Chiang Kai-shek, antes de adentrar na política, iniciou sua carreira militar em 1924, quando foi indicado pelo próprio Sun Yat-sen (cofundador e primeiro líder do Kuomintang) como comandante da Academia Militar de Whampoa, tornando-se em 1925 Líder do KMT⁴⁴.

Assim, a partir do ano de 1928, Jiang liderou a China Nacionalista, realizando um programa de reforma da nação focado no combate dos oponentes internos, com foco principal aos comunistas. Em 1931, também adentrou na agenda de combate sino os avanços japoneses na região nordeste do país.

De tal modo, em 1937, o Japão lançou uma invasão em larga escala na China, zona de interesse Americano⁴⁵. Logo, com a entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra, principalmente em face da nação nipônica, a China passou a compor a força

⁴⁴ HISTORY. **Termina o governo de Chang Kai Shek na China**. Disponível em: <<https://seuhistory.com/hoje-na-historia/termina-o-governo-de-chang-kai-shek-na-china>>. Acesso em 30 de jun. 2017.

⁴⁵ BBC. **Chiang Kai-shek (1887-1975)**. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/history/historic_figures/chiang_kaishek.shtml>. Acesso em 30 jun. 2017.

Aliada. Realizando Jiang, em novembro de 1943, uma viagem a fim de conhecer o Presidente estadunidense Franklin D. Roosevelt e o Primeiro Ministro britânico Winston Churchill.

Todavia, as relações mantidas entre os líderes estadunidense e chinês desgastavam-se continuamente desde o ingresso da China na guerra, uma vez que Jiang realizava contínuas chantagens à Roosevelt.

Não suficiente, Jiang constantemente colocava os soviéticos e os americanos em confronto durante a guerra. Ele afirmava que os Estados Unidos seria peça importante nos diálogos ocorridos entre a China e União Soviética, todavia, secretamente, dizia aos soviéticos que as opiniões americanas não deveriam ser consideradas. Também era prática de Jiang usar o suporte americano ofertado na China para deter a ambições da URSS.

Em face das fortes controvérsias trazidas pelo líder chinês, bem como a sua participação junto aos Aliados, a sua atuação dentro da simulação será essencial para acalorar os debates entre os blocos soviético, americano e japonês.

8.2. Joseph Warren Stilwell

Joseph Warren Stilwell durante toda sua carreira militar apresentou ilustre destaque nacional, principalmente através da sua reconhecida experiência bélica e de relações internacionais, falando fluentemente cinco línguas (inglês, mandarim, espanhol, francês e japonês)⁴⁶.

Assim, diante de tais fatores, foi solicitado pessoalmente pelo presidente Roosevelt para atuar como chefe do estado-maior de Jiang Jieshi, comandante do Exército chinês na região da Birmânia e gerenciar os recursos de *lend-lease* enviados pelos Estados Unidos à China.

⁴⁶ C. PETER CHEN. **Joseph Stilwell.** Disponível em: <http://ww2db.com/person_bio.php?person_id=18>. Acesso em 30 jun. 2017.

Em junho de 1942, bastando apenas um mês da sua chegada, o relacionamento entre Stilwell e o chefe chinês se deteriorar⁴⁷. Além de Jiang se recusar a responder os memorandos elaborados pelo militar americano, ele era constantemente criticado pelo comandante por seu governo incompetente e corrupto.

Durante muito tempo, em decorrência de tais divergências, o líder sino solicitou aos Estados Unidos a retirada de Stilwell dos cargos ocupados, sendo tal requerimento atendido apenas em outubro de 1944.

Apesar de não mais compor o bloco chinês na data da Conferência de Potsdam, para fins de viabilidade de simulação e contribuição no debate de tal personagem, o mesmo irá compor o presente bloco, exercendo o mesmo cargo e função ora tratados. À época, Stilwell se preocupava em interferir diretamente na política chinesa, buscando corresponder aos interesses americanos, uma vez que o mesmo tinha grande influência na nação sina – poderio decorrente dos *lend-leases* enviados.

8.3. Chen Cheng

Ingressando sua vida militar em 1922 na Academia Militar de Baoding, foi apenas em 1944 que Chen Cheng iria conhecer Jiang Jieshi na Academia de Whampoa. Companheiro de batalhas do então líder chinês, Cheng tornou-se um dos principais militares que assistiam Jiang durante suas decisões políticas e militares, assumindo em 1944 o cargo de Ministro de Guerra chinês.

Cheng possuía uma forte relação pessoal com o líder chinês, sendo ele a voz nacionalista dentro de um bloco de divergências e influência externa direta.

⁴⁷ DWIGHT JON ZIMMERMANh. **Stilwell in China: The Worst Command in the War**. Disponível em: <<http://www.defensemianetwork.com/stories/stilwell-in-china-the-worst-command-in-the-war/>>. Acesso em 30 jun. 2017.

9. BLOCO ALEMÃO

Conforme explanado no nosso Guia de Estudos, no dia 30 de abril de 1945 Hitler se suicidou dentro do seu *bunker* na cidade de Berlim. Com a sua morte as negociações para o fim da guerra se intensificaram, culminando na Conferência de Potsdam em agosto daquele mesmo ano.

Em uma de suas últimas ações, o *führer* escolheu Karl Dönitz como seu sucessor para o cargo da presidência e o seu braço direito, Joseph Goebbels, como líder de estado e chanceler. Ocorre que no dia seguinte a morte de Hitler, Goebbels também se suicidou e Dönitz tornou-se o último líder da Alemanha Nazista, atuando no chamado Governo Flensburg.

O governo que se formou recebeu tal nomenclatura, pois a central de comando ficava na cidade de Flensburg, próxima da atual fronteira entre Alemanha e Dinamarca.

Embora o Governo Flensburg tenha sido provisório e durado apenas vinte e três dias, tendo sido dissolvido pelas tropas britânicas no dia 23 de maio de 1945, oportunidade em que Dönitz e os demais membros do governo foram presos, para fins de simulação iremos tratá-lo como uma junta provisória de representação da Alemanha à época da Conferência de Potsdam.

9.1. Karl Dönitz

Karl Dönitz, último representante da Alemanha Nazista, foi um dos grandes militares alemães durante a Segunda Guerra Mundial. Foi comandante da *Kriegsmarine*, nome dado a marinha de guerra alemã entre o período de 1935 a 1945.

Embora tenha alcançado seu mais alto cargo durante a Segunda Guerra Mundial, Dönitz já integrava a marinha alemã durante a Primeira Guerra. Em uma batalha neste conflito teve um dos seus submarinos afundado. Na oportunidade, ele e sua tripulação foram capturados pelos britânicos e feitos prisioneiros até 1919.

Grande defensor da militarização da marinha, no período entre guerras comandou navios e ganhou prestígio, sempre enfatizando que os submarinos eram grandes armas.

Desse modo, aprimorou suas técnicas e alcançou seu auge profissional durante a Segunda Guerra.

Conquanto tenha sido uma peça fundamental para a Alemanha Nazista, Karl nunca foi filiado ao Partido Nacional Socialista Alemão dos Trabalhadores. Em 1943, Dönitz substituiu Erich Raeder como o Comandante-Chefe da Marinha Alemã. À época a situação da guerra no Atlântico era complicada para os alemães, mesmo assim Dönitz conseguiu formar a frota de submarinos mais avançada do mundo, servindo, inclusive, de modelo para os americanos e os soviéticos no pós-guerra.

Dois anos depois, em seu último ato, Hitler o nomeou como seu sucessor. No entanto, devido à fragilidade que já se encontrava a Alemanha, tal governo durou apenas 23 dias, período no qual foi assinada a rendição alemã.

Até 1943, ele via Hitler uma vez a cada dois anos. Depois de 1943, passou a vê-lo duas vezes por mês. Nos últimos meses, esteve em contato frequente com o *Führer*. Ao ser informado de que Hitler havia cometido suicídio e que ele fora escolhido para ser seu sucessor como Chefe de Estado, decidiu pedir paz imediatamente. Em trecho retirado do livro “Entrevistas de Nuremberg”, retira-se o seguinte fragmento:

"Comentei que se minha lembrança do rádio daquela época estava certa, anunciou-se primeiro que a Alemanha se renderia aos britânicos e americanos, mas não aos russos. Ele assentiu. Foi apenas um gesto simbólico disse ele. Ele sabia que era impossível. Não se considerava sucessor de Hitler. Sentiu que havia sido escolhido para apelar pela paz e tratar da rendição, porque somente uma figura não-política poderia fazê-lo. Por esta razão aceitou a designação de sucessor de Hitler como chefe de estado".⁴⁸

Uma das suas maiores preocupações era garantir que a Alemanha não se renderia aos soviéticos, pois havia um temor generalizado de uma vingança, fator este que deverá ser levado em consideração.

⁴⁸ GOLDENSOHN, Leon. **As Entrevistas de Nuremberg**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2005.

Não obstante a derrocada da autoridade competente, para fins de viabilizar a simulação e buscar um novo destino para a Alemanha do pós-guerra, adotaremos a figura de Karl Dönitz como principal representante do bloco alemão.

Assim, seu interesse principal durante a Conferência de Potsdam será buscar uma negociação para o futuro de uma Alemanha rendida. Nesse contexto, é importante lembrar que, embora tenha buscado o fim do conflito e tenha entendido que seu papel era procurar a paz, Karl Dönitz demonstrou ao longo da guerra um posicionamento bélico.

9.2. Lutz Graf Schwerin Von Krosigk

Lutz von Krosigk, como era conhecido, ocupou, no período de 1932 até 1945, o cargo de Ministro das Finanças, sendo, portanto, um funcionário primordial para o governo de Hitler. Ele e seu ministério estavam envolvidos na política anti-semita nazista, sendo responsável por arrecadar os bens dos judeus e aplicar o dinheiro obtido no desenvolvimento alemão durante a guerra.

Durante o Governo de Flensburg manteve-se no cargo de Ministro das Finanças, mas simultaneamente ocupou o ministério dos Negócios Estrangeiros, bem como tornou-se o último chanceler da Alemanha Nazista. Desse modo, foi um dos poucos membros do gabinete do Terceiro Reich a servir continuamente desde a nomeação de Hitler até depois da sua morte.

Krosigk é descendente de uma família nobre, estudou Direito e Ciências Políticas, nas universidades de Halle e Lausanne. Na Primeira Guerra Mundial, serviu no Exército alemão, alcançando o posto de tenente e foi premiado com a Cruz de Ferro. Em 1922, se tornou um importante funcionário do governo e em 1929, assumiu o cargo de diretor ministerial e chefe do departamento de orçamento do Ministério das Finanças. Em 1931, ele se juntou ao departamento de pagamentos de reparação, formado para lidar com as reparações que a Alemanha ainda devia aos Poderes Aliados após a Grande Guerra.

Importante ressaltar que Von Krosigk era um conservador não partidário, tendo se tornado membro do Partido Nazista apenas em 1937, após receber um emblema dourado do próprio Adolf Hitler. No mesmo ano ele também se juntou à Academia de Direito Alemão.

Observa-se que Von Krosigk foi um grande estudioso, responsável por desenvolver meios de alavancar a economia alemã que estava destruída após a Primeira Guerra Mundial.

9.3. Wilhelm Keitel

Wilhelm Keitel foi um dos principais militares do governo nazista, ocupando a posição de conselheiro militar de Adolf Hitler.

Durante a Primeira Guerra Mundial serviu na frente ocidental e no período entre guerras serviu como oficial general do comando militar. Em 1924 foi transferido para o Ministério da Defesa e posteriormente, com a ascensão do nazismo, tornou-se chefe do comando supremo das Forças Armadas alemãs.

Em 1940, foi responsável pelos termos do armistício com a França. Embora tenha ocupado o cargo de comando dentro das Forças Armadas, sendo responsável pelo desenvolvimento de planos estratégicos e operacionais, Keitel mostrou-se cauteloso durante a guerra, o que muitas vezes foi interpretado como sinal de fraqueza.

Além disso, sempre demonstrou ser subserviente à Hitler, obedecendo sempre às suas ordens, por mais que discordasse das suas táticas. Por tal motivo, foi desprezado por muitos de seus colegas generais.

Com a morte do *führer*, ele foi responsável por assinar a rendição incondicional da Alemanha, em Berlim, no dia 8 de maio de 1945.

Embora tenha sido um importante militar, há de se levar em consideração a personalidade de submissão às ordens do seu superior durante todo o conflito. Mesmo discordando de alguns posicionamentos do *führer* nunca conseguiu enfrentá-lo, de modo que sempre que tentava, voltava atrás, demonstrando ser alguém manobrável.

10. REFERÊNCIAS

AGAROSSO, Elena. **A Nation Collapses: The Italian Surrender of September 1943.** Nova Iorque: Cambridge University Press, 2000.

ALMEIDA, Leandro Antonio de. **Churchill, o militar e o mito.** 2010.

ALTMAN, Max. **Hoje na História: 1940 – França assina armistício com Alemanha na floresta de Compiègne.**

BBC. **Chiang Kai-shek (1887-1975).**

BBC. **Ernest Bevin (1881 - 1951).**

BIOGRAPHY. **Hirohito: Emperor (1901–1989).**

CARLSON, Cody K.. **This week in history: Truman, Churchill and Stalin meet at Potsdam.** 2014.

C. PETER CHEN. **Joseph Stilwell.**

DWIGHT JON ZIMMERMANh. **Stilwell in China: The Worst Command in the War.**

FGV. **Conferências Aliadas.**

Global Presidents: Harry Truman goes to Potsdam.

GOLDENSOHN, Leon. **As Entrevistas de Nuremberg**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2005.

GROMYKO, Andrei. **Memoirs**. Doubleday. ISBN 0-385-41288-6. 1989.

HASEGAWA, Tsuyoshi. **The End of the Pacific War: Reappraisals**.

HISTORY. **Biografias: Hideki Tojo**.

HISTORY. **Termina o governo de Chang Kai Shek na China**.

HISTORY. **WINSTON CHURCHILL**.

GRANVILLE, Johanna. **The First Domino: International Decision Making During the Hungarian Crisis of 1956**, Texas A & M University Press, 2004.

LEAHY, William D. **I Was There**.

MCCULLOUGH, David. **Truman**. 1992.

MOLOTOV, Vyacheslav Mikhaylovich; FELIZ, Chuev. **Molotov Remembers: Inside Kremlin Politics**. 2007.

MORRISSEY, Charles T. **Oral interview with General Harry H. Vaughan**.

NEW YORK TIMES. **The President and I discuss numerous things, but my influence over him is doubtful. I don't suppose anyone gives him more advice than I do, or has less of it used**. 1981.

OFFICE OF THE HISTORIAN. **Biographies of the Secretaries of State: James Francis Byrnes (1879-1972).**

OFFICE OF THE HISTORIAN. **The Potsdam Conference, 1945.**

Pacto da Sociedade das Nações. 1919.

RARE HISTORICAL PHOTOS. **Petain meeting Hitler, 1940. 2017.**

RYAVEC, Karl W. **The Party under Stress: The Experience of World War II in Soviet Society and the Communist Party.** University of Massachusetts Press. 1978.

SEBAG, Simon M. **Stalin: The Court of the Red Tsar.** 2003.

TAYLOR, Jay. **The Generalissimo: Chiang Kai-shek and the Struggle for Modern China.** Harvard University Press. 2009.

THE EDITORS OF ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA. **Alcide De Gasperi: The Primer Minister.**

THE EDITORS OF ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA. **Clement Attlee: The Primer Minister Of United Kingdom.**

THE EDITORS OF ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA. **Danshaku Suzuki Kantarō: Prime Minister of Japan.**

THE EDITORS OF ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA. **Hirohito: Emperor of Japan.**

THE EDITORS OF ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA. **Italian Republican Party:** Political Party, Italy.

TOLAND, John. *The Rising Sun: The Decline and Fall of the Japanese Empire, 1936–1945*. Modern Library. 2003.

UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. **Segunda Guerra Mundial:** Cronologia.

VIDAL, Dominique. **OTAN - ALIANÇA ATLÂNTICA PROCURA NOVAS MISSÕES:** o que De Gaulle queria em 1966. 2008.

VILLA CARITAS & SAN PEDRO MODEL UNITED NATIONS. **The Potsdam Conference Study Guide.**